

MARIA DUEÑAS



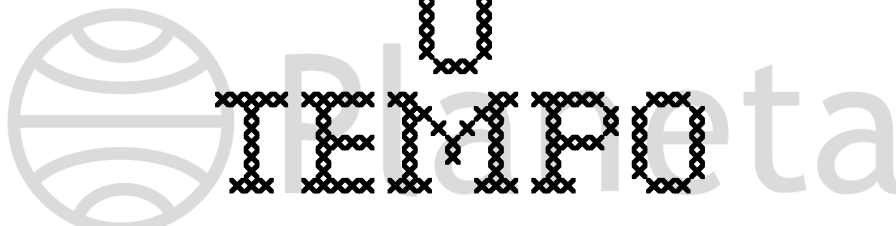
O TEMPO ENTRE COSTURAS

EDIÇÃO COMEMORATIVA - 15 ANOS DO LANÇAMENTO



 Planeta

MARIA DUEÑAS



O TERRA ENTRE COSTURAS

EDIÇÃO COMEMORATIVA - 15 ANOS DO LANÇAMENTO

Tradução
Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © María Dueñas, 2009
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2009, 2017, 2024
Todos os direitos reservados.
Título original: *El tiempo entre costuras*

Revisão de texto: Tulio Kawata, Antonio Orzari e Vivian Miwa Matsushita
Diagramação: Triall
Capa: Filipa Damião Pinto (@filipa_) | Estúdio Foresti Design

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Dueñas, María

O tempo entre costuras / María Dueñas ; tradução de Sandra Martha Dolinsky. – 5. ed. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.

480 p.

ISBN: 978-85-422-2759-8

Título original: *El tiempo entre costuras*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

24-2230

CDD 863

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar

01415-002 – Consolação – São Paulo-SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Uma máquina de escrever detonou meu destino. Foi uma Hispano-Olivetti, e dela me separou durante semanas o vidro de uma vitrina. Visto hoje, do parapeito dos anos passados, é difícil acreditar que um simples objeto mecânico pudesse ter potencial suficiente para alterar o rumo de uma vida e dinamitar em quatro dias todos os planos traçados para sustentá-la. Pois assim foi, e nada pude fazer para impedir.

Não eram, na realidade, grandes projetos os que eu acalentava na época. Tratava-se apenas de aspirações próximas, quase domésticas, coerentes com as coordenadas do local e do tempo que me coube viver; planos de futuro acessíveis, bastando esticar um pouco as pontas dos dedos. Naqueles dias, meu mundo girava lentamente ao redor de algumas presenças que eu julgava firmes e imperecíveis. Minha mãe sempre havia sido a mais sólida de todas elas. Era costureira, trabalhava em um ateliê de nobre clientela. Tinha experiência e bom gosto, mas nunca foi mais que uma simples costureira assalariada; uma trabalhadora como tantas outras que, durante dez horas diárias, acabava com as unhas e as pupilas cortando e costurando, experimentando e retificando peças destinadas a corpos que não eram o seu e a olhares que raramente teriam por destino sua pessoa. De meu pai eu sabia pouco, na época. Quase nada. Nunca estive por perto; e nem sua ausência me afetou. Jamais senti muita curiosidade em saber dele até que minha mãe, em meus oito ou nove anos, se aventurou a me fornecer algumas migalhas de informação. Que ele tinha outra família, que era impossível que vivesse conosco. Engoli aqueles dados com a mesma pressa e o pouco apetite com que matei as últimas colheradas dos legumes que tinha a minha frente: a vida daquele ser estranho me interessava bem menos que descer rapidamente para brincar na praça.

Eu nasci no verão de 1911, no mesmo ano em que Pastora Imperio se casou com El Gallo, veio à luz no México Jorge Negrete, e na Europa decaía a estrela de um tempo que chamaram de *Belle époque*.^{*} Ao longe, começavam a se ouvir os tambores daquilo que seria a primeira grande guerra e nos cafés de Madri lia-se, na época, *El Debate* e *El Heraldo*, enquanto La Chelito,^{**} nos palcos, enlouquecia os homens mexendo descaradamente os quadris ao ritmo

* Pastora Imperio foi uma famosa dançarina de *flamenco*, enquanto Rafael Gómez Ortega, conhecido como El Gallo, foi um grande toureiro. Existe, em Sevilha, um monumento em homenagem aos dois. Já Jorge Negrete foi um dos mais populares cantores e atores mexicanos. (N.T.)

** Conhecida como La Chelito, Consuelo Portela foi uma controversa cantora e dançarina cubana. (N.T.)

do *cuplé*. O rei Alfonso XIII, entre uma amante e outra, conseguiu engendrar naqueles meses sua quinta filha legítima. Enquanto isso, no comando de seu governo estava o liberal Canalejas, incapaz de pressagiar que apenas um ano depois um excêntrico anarquista ia acabar com sua vida dando-lhe dois tiros na cabeça enquanto observava as novidades da livraria San Martín.

Cresci em um ambiente moderadamente feliz, com mais apertos que excessos, mas sem grandes carências nem frustrações. Fui criada em uma rua estreita de um bairro típico de Madri, ao lado da praça De la Paja, a dois passos do Palácio Real; a um pulo da agitação constante do coração da cidade, em um ambiente de roupa estendida, cheiro de água de lavadeira, vozes de vizinhas e gatos ao sol. Frequentei uma rudimentar escola em um local próximo: em seus bancos, previstos para duas pessoas, acomodávamo-nos de quatro em quatro, sem ordem e aos empurrões para recitar em voz alta *La canción del pirata* e a tabuada. Ali aprendi a ler e escrever, a usar as quatro réguas e o nome dos rios que cortavam o mapa amarelado pendurado na parede. Aos doze anos, concluí minha formação e entrei, na qualidade de aprendiz, no ateliê em que minha mãe trabalhava. Meu destino natural.

Do ateliê de dona Manuela Godina, a proprietária, havia décadas saíam peças primorosas, excelentemente cortadas e cosidas, famosas em Madri inteira. Roupas de dia, vestidos de coquetel, casacos e capas que depois seriam ostentados por senhoras distintas em seus passeios pela Castellhana, no Hipódromo e no polo de Puerta de Hierro, ao tomar chá no Sakuska e quando iam às igrejas de segunda categoria. Passou-se algum tempo, porém, até que comencei a adentrar os segredos da costura. Primeiro, fiz de tudo no ateliê: retirava as brasas dos fogareiros e varria do chão os restos de tecido, aquecia no fogo o ferro de passar e corria sem parar para comprar linhas e botões na praça de Pontejos. Eu também era encarregada de levar às seletas residências os modelos recém-terminados embrulhados em grandes sacolas de tecido escuro; era minha tarefa favorita, o melhor entretenimento naquela carreira incipiente. Conheci, assim, os porteiros e motoristas das melhores casas, as donzelas, criadas e mordomos das famílias mais endinheiradas. Contemplei, sem mal ser vista, as mulheres mais refinadas, suas filhas e seus maridos. E, como uma testemunha muda, adentrei suas casas burguesas, palacetes aristocráticos e apartamentos suntuosos dos edificios tradicionais. Em algumas ocasiões não chegava a ultrapassar as áreas de serviço e alguém do corpo de empregados cuidava de receber a roupa que eu portava; em outras, porém, incitavam-me a entrar até os quartos, e para isso eu percorria os corredores e vislumbrava os salões, e comia com os olhos os tapetes, os lustres, as cortinas de veludo e os pianos de cauda que às vezes alguém tocava e às vezes não, pensando em como seria estranha a vida em um universo como aquele.

Meus dias transcorriam sem tensão nesses dois mundos, quase alheia à incongruência que existia entre ambos. Com a mesma naturalidade, transitava por aquelas largas vias com passagens de carruagens e grandes portais, e pela trama enlouquecida das ruas tortuosas de meu bairro, sempre cheias de poças, dejetos, gritaria de vendedores e latidos pungentes de cães com fome; aquelas ruas pelas quais as pessoas sempre andavam com pressa e onde, ao ouvir “lá vai água!”, mais valia se proteger em algum lugar para evitar tomar um banho de urina. Artesãos, pequenos comerciantes, empregados regulares e diaristas recém-chegados à capital enchiam as casas de aluguel e dotavam meu bairro de sua alma de povo. Muitos deles mal ultrapassavam seus limites, a não ser por motivo de força maior; minha mãe e eu, porém, saíamos cedo a cada manhã, juntas e apressadas, para ir à rua Zurbano e nos integrar sem demora a nosso cotidiano afazer no ateliê de dona Manuela.

Depois de dois anos no ateliê, decidiram que havia chegado o momento de eu aprender a costurar. Aos catorze anos comecei com o mais simples: ganchinhos, chuleados, alinhavos. Depois vieram as casas de botão, os pespontos e as bainhas. Trabalhávamos sentadas em pequenas cadeiras de junco, encurvadas sobre tábuas apoiadas nos joelhos; nelas apoiávamos nosso trabalho. Dona Manuela atendia as clientes, cortava, provava e ajustava. Minha mãe tirava as medidas e se encarregava do resto: costurava o mais delicado e distribuía as demais tarefas, supervisionava sua execução e impunha o ritmo e a disciplina a um pequeno batalhão formado por meia dúzia de costureiras maduras, quatro ou cinco mulheres jovens e algumas aprendizes tagarelas, sempre com mais vontade de rir e fofocar que de trabalhar. Algumas se saíram boas costureiras, outras não foram capazes e ficaram para sempre com as funções menos gratas. Quando uma ia embora, outra nova a substituía naquele lugar agitado, incongruente com a serena opulência da fachada e a sobriedade da sala luminosa a que só as clientes tinham acesso. Elas, dona Manuela e minha mãe, eram as únicas que podiam usufruir de suas paredes forradas cor de açafrão; as únicas que podiam se aproximar dos móveis de mogno e pisar no chão de carvalho que nós, as mais novas, nos encarregávamos de encerar com trapos de algodão. Só elas recebiam de quando em quando os raios de sol que entravam pelas quatro altas varandas voltadas para a rua. O resto da tropa permanecia sempre na retaguarda: naquele gineceu gelado no inverno e infernal no verão que era nosso ateliê, naquele espaço de fundos e cinza que tinha apenas duas janelinhas que davam para um escuro pátio interno, e onde as horas passavam como sopros de ar em meio ao cantarolar de canções e o barulho de tesouras.

Aprendi rápido. Eu tinha dedos ágeis que logo se adaptaram ao contorno das agulhas e ao contato dos tecidos, às medidas, às peças e aos volumes. Molde dianteiro, contorno de peito, comprimento de perna. Cava, boca de

calça, viés. Aos dezesseis anos aprendi a distinguir os tecidos, aos dezessete, a apreciar suas qualidades e a calibrar seu potencial. Crepe da China, musselina de seda, *georgette*, *chantilly*. Passavam-se os meses como em uma roda-gigante: nos outonos fazendo casacos de bons tecidos e ternos de meia-estação, nas primaveras costurando vestidos voláteis destinados às férias cantábricas, longas e alheias, em La Concha e El Sardinero. Completei dezoito anos, dezenove. Iniciei-me pouco a pouco no manejo do corte e na confecção das partes mais delicadas. Aprendi a montar golas e colarinhos, a prever caimentos e antecipar acabamentos. Eu gostava do meu trabalho, era feliz com ele. Dona Manuela e minha mãe me pediam opinião às vezes, começavam a confiar em mim. “A menina tem mão e olho, Dolores”, dizia dona Manuela. “É boa, e vai ser ainda melhor se não se desviar. Melhor que você, se bobear.” E minha mãe continuava trabalhando, como se não a ouvisse. Eu também não levantava a cabeça de meu tablado, fingia não ter ouvido nada. Mas, disfarçadamente, olhava para ela de soslaio e via em sua boca cheia de alfinetes aflorar um levíssimo sorriso.

Passavam-se os anos, passava a vida. Mudava também a moda e a seus ditados se acomodava o trabalho do ateliê. Depois da guerra europeia chegaram as linhas retas, abandonaram-se os corpetes e as pernas começaram a se mostrar sem sombra de rubor. Mas, quando os felizes anos 1920 chegaram ao fim, a cintura dos vestidos voltou a seu lugar natural, as saias se alongaram e o recato tornou a se impor em mangas, decotes e vontades. Pulamos, então, para uma nova década e chegaram mais mudanças. Todas juntas, imprevistas, quase aos montes. Completei vinte anos, veio a República e conheci Ignacio. Foi em um domingo de setembro em La Bombilla; em um baile tumultuado abarrotado de garotas de ateliês, maus estudantes e soldados de licença. Ele me tirou para dançar, me fez rir. Duas semanas depois, começamos a fazer planos para casar.

Quem era Ignacio e o que representou para mim? O homem da minha vida, pensava então. O garoto tranquilo que intuí destinado a ser o bom pai dos meus filhos. Já havia chegado à idade em que, para as garotas como eu, sem ofício nem benefício, não restavam muitas opções além do casamento. O exemplo de minha mãe, criando-me sozinha e trabalhando para isso de sol a sol, jamais me havia parecido um destino apetecível. E em Ignacio encontrei um candidato idôneo para não seguir os passos dela: alguém com quem passar o resto da minha vida adulta sem ter de acordar a cada manhã com a boca cheia de sabor de solidão. Não me liguei a ele por uma paixão arrasadora, mas sim por um afeto intenso e pela certeza de que meus dias a seu lado transcorreriam sem pesares nem estardalhaços, com a doce suavidade de um travesseiro.

Ignacio Montes, eu acreditei, seria o dono do braço ao qual me agarraria em mil passeios, a presença próxima que me proporcionaria segurança e abrigo para sempre. Dois anos mais velho que eu, magro, afável, tão fácil quanto doce. Tinha boa estatura e poucas carnes, maneiras educadas e um coração no qual a capacidade para me amar parecia se multiplicar com as horas. Filho de uma viúva castelhana com o dinheiro bem contado debaixo do colchão; residente com intermitências em pensões de pouca monta; aspirante iludido a profissional da burocracia e eterno candidato a todo ministério capaz de lhe prometer um salário vitalício. Guerra, Governo, Fazenda. O sonho de 3 mil pesetas ao ano, 241 ao mês: um salário fixo para todo o sempre em troca de dedicar o resto dos seus dias ao mundo manso dos departamentos e antessalas, dos mata-borrões, do papel-carbono, dos carimbos e dos tinteiros. Em cima disso planejavamos nosso futuro: na esteira da quietude de um funcionalismo que, chamada após chamada, se negava obstinadamente a incorporar meu Ignacio em sua folha de pagamento. E ele insistia sem desalento. E em fevereiro tentava na pasta da Justiça e em junho na da Agricultura, e começava tudo de novo.

E, enquanto isso, incapaz de se permitir distrações caras, mas disposto até a morte a me fazer feliz, Ignacio me agradava com as humildes possibilidades que seu paupérrimo bolso lhe permitia: uma caixa de papelão cheia de bichos-da-seda e folhas de amoreira, pacotinhos de castanhas assadas e promessas de amor eterno sobre a relva embaixo do viaduto. Juntos ouvíamos a banda de música do parque do Oeste e remávamos nas canoas de Retiro nas manhãs de domingo em que havia sol. Não havia festa com balanço e realejo a que não fôssemos, nem xotes que não dançássemos com precisão de relógio. Quantas tardes passamos em Las Vistillas, quantos filmes vimos em cinemas de bairro. Uma *horchata** valenciana era, para nós, um luxo, e um táxi, uma quimera. A ternura de Ignacio não era exagerada, porém, não tinha fim. Eu era seu céu e as estrelas, a mais bonita, a melhor. Meu cabelo, meu rosto, meus olhos. Minhas mãos, minha boca, minha voz. Eu inteira configurava para ele o insuperável, a fonte de sua alegria. E eu o ouvia, chamava-o de bobo e me deixava amar.

A vida no ateliê naqueles tempos marcava, não obstante, um ritmo diferente. Tornava-se difícil, incerta. A Segunda República havia infundido um sopro de agitação na confortável prosperidade do ambiente de nossas clientes. Madri andava convulsionada e frenética, a tensão política impregnava todas as esquinas. As boas famílias prolongavam até o infinito seus veraneios no Norte, desejosas de permanecer à margem da capital inquieta e rebelde em cujas pra-

* Suco de frutas batidas. (N.T.)

ças anunciavam o *Mundo Obrero* enquanto os proletários descamisados da periferia adentravam sem reservas a Porta do Sol. Os grandes carros particulares começavam a rarear pelas ruas, as festas opulentas também. As velhas damas enlutadas rezavam novenas para que Azaña* caísse logo e o barulho das balas se tornava cotidiano quando se acendiam os faróis a gás. Os anarquistas queimavam igrejas, os falangistas sacavam pistolas com pose de valentões. Com frequência crescente, os aristocratas e altos burgueses cobriam com lençóis seus móveis, demitiam os empregados, trancavam as janelas e partiam com urgência para o exterior, passando tranquilamente joias, medos e dinheiro pelas fronteiras, sentindo saudade do rei exilado e de uma Espanha obediente que ainda tardaria a chegar.

E no ateliê de dona Manuela entravam cada vez menos mulheres, saíam menos pedidos e havia menos a fazer. Em um penoso conta-gotas, foram sendo dispensadas primeiro as aprendizes e depois as demais costureiras, até que, no fim, só restamos a dona, minha mãe e eu. E quando terminamos o último vestido da marquesa de Entrelagos e passamos os seis dias seguintes ouvindo rádio, de braços cruzados sem que ao menos uma alma batesse à porta, dona Manuela anunciou, entre suspiros, que não tinha mais remédio senão fechar o ateliê.

Em meio à convulsão daqueles tempos, quando as disputas políticas faziam tremer as poltronas dos teatros e os governos duravam três país-nossos, mal tivemos oportunidade de chorar o que perdemos. Três semanas depois do advento de nossa inatividade compulsória, Ignacio apareceu com um buquê de violetas e a notícia de que finalmente havia sido admitido. O projeto de nosso pequeno casamento desterroou a incerteza, e sobre a mesa dobrável planejamos o evento. Embora entre os ares novos trazidos pela República estivesse a moda dos casamentos civis, minha mãe, em cuja alma conviviam sem o menor desconforto sua condição de mãe solteira, um férreo espírito católico e uma nostálgica lealdade à monarquia deposta, incitou-nos a celebrar um casamento religioso na vizinha igreja de Santo André. Ignacio e eu aceitamos – como poderíamos não aceitar sem transtornar aquela hierarquia de vontades na qual ele realizava todos os meus desejos e eu acatava os de minha mãe sem discussão? Além de tudo, eu não tinha razão de peso alguma para me negar: a expectativa que sentia pela celebração daquele casamento era modesta, e tanto fazia para mim um altar com padre e batina ou uma sala presidida por uma bandeira de três cores.

* Manuel Azaña Díaz foi o último presidente da Segunda República Espanhola, e também escritor agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1926. (N.T.)

Decidimos, assim, marcar a data com o mesmo padre que vinte e quatro anos antes, em um 8 de junho e por determinação do santoral, havia me imposto o nome de Sira. Sabiniana, Victorina, Gaudencia, Heraclia e Fortunata foram outras opções em consonância com os santos do dia.

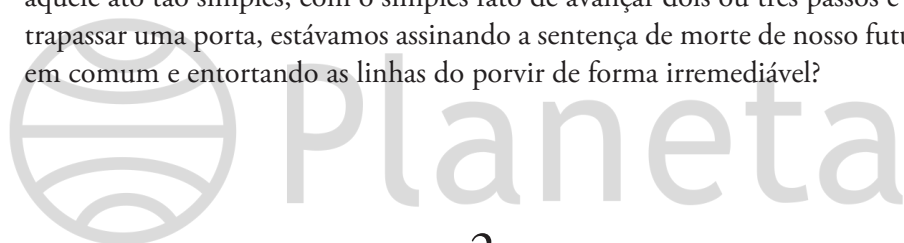
“Sira, padre, ponha Sira mesmo, que pelo menos é curto.” Essa foi a decisão de minha mãe em sua solitária maternidade. E Sira fiquei.

Celebraríamos o casamento com a família e alguns amigos. Com meu avô sem pernas nem luzes, mutilado de corpo e alma na guerra das Filipinas, permanente presença muda em sua cadeira de balanço ao lado da mesa de nossa sala de jantar. Com a mãe e as irmãs de Ignacio, que viriam do povoado. Com nossos vizinhos Engracia e Norberto e seus três filhos, socialistas e afetuosos, tão próximos a nós, na porta da frente, como se o mesmo sangue nos corresse pelas veias. Com dona Manuela, que novamente pegaria linhas e agulhas para me presentear sua última obra em forma de vestido de noiva. Receberíamos nossos convidados com tortas de merengue, vinho de Málaga e vermute, talvez pudéssemos contratar um músico do bairro para que tocasse um *pasodoble*, e algum retratista de rua tiraria uma foto que enfeitaria nosso lar, esse que ainda não tínhamos e que por ora seria a casa de minha mãe.

Foi quando, em meio àquela confusão de planos e decisões, Ignacio teve a ideia de eu prestar exames para me tornar funcionária pública como ele. Seu recém-adquirido posto em uma repartição administrativa havia aberto seus olhos para um mundo novo: a administração na República, um ambiente no qual se perfilavam para as mulheres alguns destinos profissionais além do fogão, da lavanderia e das tarefas do lar; no qual o gênero feminino podia abrir caminho ombro a ombro com os homens em igualdade de condições e com a expectativa voltada para os mesmos objetivos. As primeiras mulheres já se sentavam como deputadas no Congresso, foi declarada a igualdade de sexos para a vida pública, reconhecida nossa capacidade jurídica, o direito ao trabalho e o sufrágio universal. Mesmo assim, eu teria preferido mil vezes voltar para a costura, mas Ignacio não levou mais de três dias para me convencer. O velho mundo dos tecidos e dos pespontos havia ruído, e um novo universo abria suas portas diante de nós: seria preciso adaptar-se a ele. O próprio Ignacio poderia se encarregar de minha preparação; ele tinha todos os conteúdos e experiência de sobra na arte de prestar concursos e ser reprovado um monte de vezes sem jamais sucumbir à desesperança. Eu, de minha parte, contribuiria para o projeto com a clara consciência de que teria de pôr as mãos na massa para sustentar o pequeno pelotão que a partir de nosso casamento formaríamos nós dois, minha mãe, meu avô e a prole que viesse. Concordei, então. Uma vez decididos, só nos faltava um elemento: uma máquina de escrever na qual eu pudesse aprender a datilografar e me preparar para a inescusável prova

de datilografia. Ignacio passara anos treinando com máquinas alheias, transitando uma via-crúcis de tristes escolas com cheiro de gordura, tinta e suor concentrado: não quis que eu fosse obrigada a repetir aqueles sacrifícios, por isso seu empenho para que tivéssemos nosso próprio equipamento. Atrás dele saímos nas semanas seguintes, como se fosse o grande investimento de nossa vida.

Estudamos todas as opções e fizemos cálculos sem fim. Eu não entendia daquilo, mas achava que algo de formato pequeno e leve seria o mais conveniente para nós. Para Ignacio, o tamanho era indiferente, porém reparava com minuciosidade extrema em preços, prazos e mecanismos. Localizamos todos os pontos de venda em Madri, passamos horas inteiras em frente a suas vitrinas e aprendemos a pronunciar nomes estrangeiros que evocavam geografias distantes e artistas de cinema: Remington, Royal, Underwood. Poderíamos ter nos decidido por uma marca ou outra; tanto fazia acabar comprando em uma casa americana ou em outra alemã, mas a escolhida foi, finalmente, a italiana Hispano-Olivetti da rua Pi y Margall. Como poderíamos saber que com aquele ato tão simples, com o simples fato de avançar dois ou três passos e ultrapassar uma porta, estávamos assinando a sentença de morte de nosso futuro em comum e entortando as linhas do porvir de forma irremediável?



2

— Não vou me casar com Ignacio, mãe.

Ela estava tentando passar a linha em uma agulha e minhas palavras a deixaram imóvel, com a linha entre dois dedos.

— O que está dizendo, menina? — sussurrou. Sua voz pareceu sair tremendo da garganta, carregada de desconcerto e de incredulidade.

— Que vou deixá-lo, mãe. Que me apaixonei por outro homem.

Ela me repreendeu com as censuras mais contundentes que conseguiu trazer à boca, clamou aos céus suplicando a intercessão de todos os santos, e com dúzias de argumentos tentou me convencer a voltar atrás em meus propósitos. Quando viu que tudo aquilo de nada servia, sentou-se na cadeira de balanço ao lado da de meu avô, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar.

Suportei o momento com falsa compostura, tentando esconder o nervosismo por trás da contundência de minhas palavras. Eu temia a reação de minha mãe: Ignacio, para ela, havia se tornado o filho que nunca teve, a presença que substituiu o vazio masculino de nossa pequena família. Conversavam, combinavam, entendiam-se. Minha mãe fazia os ensopados de que ele gostava, lustrava seus sapatos e reformava seus paletós quando o atrito do tempo começava a lhes roubar a utilidade. Ele, por sua vez, elogiava-a ao vê-la se esmerar na roupa para a missa dominical, levava-lhe doces e, meio brincando, meio a sério, às vezes lhe dizia que ela era mais bonita que eu.

Eu sabia que com minha ousadia ia prejudicar toda essa confortável convivência, sabia que derrubaria a estrutura de mais vidas além da minha, mas nada pude fazer para evitar. Minha decisão era firme como um poste: não haveria casamento nem concurso, não ia aprender a datilografar sobre a mesa dobrável e nunca compartilharia com Ignacio filhos, cama nem alegrias. Eu ia deixá-lo, e nem toda a força de um vendaval poderia abalar minha resolução.

A casa Hispano-Olivetti tinha duas grandes vitrinas que mostravam aos transeuntes seus produtos com orgulhoso esplendor. Entre ambas se encontrava a porta envidraçada, com uma barra de bronze polido atravessando-a na diagonal. Ignacio empurrou e entramos. O tilintar de um sininho anunciou nossa chegada, mas ninguém foi nos receber de imediato. Permanecemos coibidos alguns minutos, observando com respeito reverencial tudo o que estava exposto, sem nos atrevermos sequer a tocar os móveis de madeira encerada em que descansavam aqueles portentos da datilografia dentre os quais íamos escolher o mais conveniente para nossos planos. Ao fundo da grande sala dedicada à exposição dos produtos percebia-se um escritório. Dele saíam vozes masculinas.

Não tivemos de esperar muito mais, as vozes sabiam que havia clientes e veio a nosso encontro uma delas, contida em um corpo redondo vestido de cor escura. O vendedor nos cumprimentou, afável, e perguntou por nossos interesses. Ignacio começou a falar, a descrever o que queria, a pedir dados e sugestões. O empregado exibiu com esmero todo seu profissionalismo e passou a nos explicar as características de cada uma das máquinas expostas. Com detalhes, com rigor e com tecnicidade; com tamanha precisão e monotonia que depois de vinte minutos quase adormeci de tanto tédio. Ignacio, enquanto isso, absorvia as informações com seus cinco sentidos, alheio a mim e a tudo que não fosse avaliar o que lhe estava sendo oferecido. Decidi afastar-me deles, aquilo não me interessava em absoluto. O que Ignacio escolhesse estava bom para mim. Não me interessava nada daquilo de toques, alavanca de retorno ou campanha de margem.

Fiquei, então, percorrendo outras partes da exposição em busca de algo com que matar o tédio. Reparei nos grandes cartazes publicitários nas paredes, que anunciavam os produtos da casa com desenhos coloridos e palavras em línguas que eu não entendia; depois, fui até as vitrinas e observei os transeuntes andando acelerados pela rua. Depois de um tempo, voltei sem vontade para o fundo do estabelecimento.

Um grande armário com portas de vidro cobria parte de uma das paredes. Contemplei meu reflexo nele; notei que duas mechas haviam escapado do laço, recoloquei-as no lugar; aproveitei para beliscar minhas bochechas e dar ao rosto entediado um pouco de cor. Examinei depois minha roupa sem pressa: eu havia me esforçado para me arrumar com minha melhor roupa; afinal de contas, aquela compra representava, para nós, uma ocasião especial. Estiquei as meias, desde os tornozelos, com um movimento ascendente; ajustei pausadamente a saia nos quadris, a blusa no tronco, a gola no pescoço. Tornei a ajeitar o cabelo, olhei-me de frente e de lado, observando com calma a cópia de mim mesma que o vidro me devolvia. Ensaiei posturas, dei dois passos de dança e ri. Quando me cansei de minha própria visão, continuei andando pela sala, matando o tempo enquanto passava a mão lentamente sobre as superfícies e serpeava por entre os móveis com languidez. Mal prestei atenção ao que na realidade havia nos levado até lá: para mim, todas aquelas máquinas apenas diferiam no tamanho. Havia umas grandes e robustas, mas menores também; algumas pareciam leves, outras pesadas, mas, a meus olhos, não eram mais que uma massa de escuros trambolhos incapazes de gerar a menor sedução. Coloquei-me sem vontade em frente a uma delas, aproximei o dedo indicador do teclado e com ele fingi apertar as letras mais próximas de minha pessoa. *S, I, R, A.* Si-ra, repeti em um sussurro.

— Lindo nome.

A voz masculina soou plena a minhas costas, tão próxima que quase pude sentir a respiração de seu dono em minha pele. Uma espécie de estremecimento correu por minha coluna vertebral e fez que eu me voltasse assustada.

— Ramiro Arribas — disse estendendo a mão.

Demorei a reagir; talvez porque não estava acostumada a que ninguém me cumprimentasse de uma maneira tão formal; talvez porque ainda não havia conseguido assimilar o impacto que aquela presença inesperada havia me provocado.

Quem era aquele homem, de onde havia saído? Ele mesmo esclareceu com suas pupilas ainda cravadas nas minhas.

— Sou o gerente da casa. Desculpe não tê-la atendido antes, estava tentando fazer uma ligação internacional.

E observando-a pela persiana que separava o escritório da sala de exposição, faltou dizer. Não disse, mas deixou claro. Eu intuí isso na profundidade de seu olhar, em sua voz firme; no fato de ter se aproximado de mim, e não de Ignacio, e no tempo prolongado em que manteve minha mão na sua. Soube que estivera me observando, contemplando meu andar errático por seu estabelecimento. Ele vira eu me arrumar em frente ao armário envidraçado: recompor o penteado, ajeitar as costuras da roupa a meu corpo e ajustar as meias deslizando as mãos pelas pernas. Protegido no refúgio de seu escritório, havia absorvido o contorno do meu corpo e a cadência lenta de cada movimento meu. Havia me taxado, calibrado as formas de minha silhueta e as linhas de meu rosto. Havia me estudado com o olhar certo de quem sabe com exatidão o que lhe agrada e está acostumado a atingir seus objetivos com o imediatismo ditado por seu desejo. E resolveu me mostrar isso. Eu nunca havia percebido algo assim em nenhum outro homem, nunca me julguei capaz de despertar em ninguém uma atração tão carnal. Mas, da mesma maneira que os animais sentem o cheiro da comida ou do perigo, com o mesmo instinto primário minhas entranhas souberam que Ramiro Arribas, como um lobo, havia decidido vir atrás de mim.

— É seu marido? — disse apontando para Ignacio.

— Meu noivo — consegui dizer.

Talvez não tenha sido mais que minha imaginação, mas no canto dos seus lábios pareci notar o despontar de um sorriso de complacência.

— Perfeito. Acompanhe-me, por favor.

Cedeu-me passagem e, ao fazer isso, sua mão se acomodou em minha cintura como se a estivesse esperando a vida inteira. Cumprimentou Ignacio com simpatia, mandou o vendedor para o escritório e tomou as rédeas do assunto com a facilidade de quem dá uma palmada no ar e faz surgir pombos; como um presdigitador de brilhantina, com os traços do rosto marcados em linhas angulosas, o sorriso amplo, o pescoço poderoso e um porte tão imponente, tão varonil e resolutivo que ao pobre Ignacio, a seu lado, pareciam faltar cem anos para chegar à virilidade.

Ele soube, depois, que a máquina que pretendíamos comprar seria para eu aprender datilografia e elogiou a ideia como se fosse uma grande genialidade. Para Ignacio, foi um profissional competente que expôs detalhes técnicos e falou de vantajosas opções de pagamento. Para mim, foi algo mais: uma sacudida, um ímã, uma certeza.

Demoramos ainda um pouco até finalizar a negociação. Ao longo dela, os sinais de Ramiro Arribas não pararam nem um segundo. Um toque inesperado, uma brincadeira, um sorriso; palavras de duplo sentido e olhares que mergulhavam como lanças no fundo do meu ser. Ignacio, absorto e desco-

nhecedor do que ocorria diante de seus olhos, decidiu-se finalmente pela Lettera 35 portátil, uma máquina de teclas brancas e redondas nas quais se encaixavam as letras do alfabeto com tanta elegância que pareciam gravadas com um cinzel.

— Magnífica decisão — concluiu o gerente elogiando a sensatez de Ignacio. Como se este houvesse sido dono de sua vontade e aquele não o houvesse manipulado com manhas de grande vendedor para que optasse por esse modelo. — A melhor escolha para dedos estilizados como os de sua noiva. Permita-me vê-los, senhorita, por favor.

Estendi a mão timidamente. Antes, busquei com rapidez o olhar de Ignacio para pedir seu consentimento, mas não o encontrei: voltara a concentrar sua atenção no mecanismo da máquina. Ramiro Arribas me acariciou com lentidão e descaramento diante da inocente passividade de meu noivo, dedo a dedo, com uma sensualidade que me deixou arrepiada e que fez minhas pernas tremerem como folhas balançadas pelo ar do verão. Só me soltou quando Ignacio desprendeu seus olhos da Lettera 35 e pediu instruções sobre a maneira de prosseguir com a compra. Combinaram de deixar naquela tarde um depósito de metade do preço e efetivar o resto do pagamento no dia seguinte.

— Quando podemos levá-la? — perguntou então Ignacio.

Ramiro Arribas consultou o relógio.

— O rapaz do depósito está fazendo uns serviços e não voltará hoje. Receio que só será possível trazer outra amanhã.

— E esta mesma? Não podemos ficar com esta máquina? — insistiu Ignacio, disposto a fechar o negócio quanto antes. Uma vez tomada a decisão do modelo, todo o resto lhe parecia burocracia desagradável que desejava liquidar com rapidez.

— Nem pensar, por favor. Não posso consentir que a senhorita Sira utilize uma máquina que já foi manuseada por outros clientes. Amanhã de manhã, logo cedo, terei uma nova pronta, com sua capa e sua embalagem. Se me der seu endereço — disse, dirigindo-se a mim —, eu me encarregarei pessoalmente de que esteja em sua casa antes do meio-dia.

— Nós viremos pegá-la — disse eu. Intuí que aquele homem era capaz de qualquer coisa, e uma onda de terror me sacudiu ao pensar que pudesse aparecer diante de minha mãe perguntando por mim.

— Eu só posso vir à tarde, tenho que trabalhar — disse Ignacio.

À medida que falava, uma corda invisível parecia se amarrar lentamente em volta de seu pescoço, prestes a enforcá-lo. Ramiro pouco teve de fazer para puxá-la um pouquinho.

— E a senhorita?

— Eu não trabalho — disse, evitando olhá-lo nos olhos.

— Cuide do pagamento, então — sugeriu em tom casual.

Não encontrei palavras para negar, e Ignacio nem sequer intuiu a que aquela proposta aparentemente tão simples estava nos levando. Ramiro Arribas nos acompanhou até a porta e despediu-se com afeto, como se fôssemos os melhores clientes que aquele estabelecimento já houvesse tido em toda sua história. Com a mão esquerda, deu um tapa vigoroso nas costas de meu noivo, com a direita estreitou outra vez a minha. E teve palavras para os dois.

— Você fez uma magnífica escolha vindo à casa Hispano-Olivetti, acredite, Ignacio. Garanto que não vai esquecer este dia por muito tempo.

— E a senhorita Sira, venha, por favor, às onze. Eu a estarei esperando.

Passsei a noite me revirando na cama, sem conseguir dormir. Aquilo era uma loucura e eu ainda estava em tempo de fugir dela. Só precisava decidir não voltar à loja. Poderia ficar em casa com minha mãe, ajudá-la a sacudir os colchões e a esfregar o chão com óleo de linhaça; conversar com as vizinhas na praça, ir depois ao mercado de Cebada comprar grão-de-bico ou um pedaço de bacalhau. Poderia esperar que Ignacio voltasse do ministério e justificar o descumprimento de minha tarefa com qualquer simples mentira: que estava com dor de cabeça, que achei que ia chover. Poderia me deitar um pouco depois do almoço, continuar fingindo ao longo das horas um difuso mal-estar. Ignacio iria sozinho, então, acertaria o pagamento com o gerente, pegaria a máquina e assim acabaria tudo. Não voltaríamos a saber de Ramiro Arribas, ele jamais cruzaria de novo nosso caminho. Seu nome cairia pouco a pouco no esquecimento e nós seguiríamos em frente com nossa pequena vida de todos os dias. Como se ele nunca houvesse acariciado meus dedos com o desejo à flor da pele; como se nunca houvesse me comido com os olhos por trás de uma persiana. Era fácil assim, simples assim. E eu sabia.

Eu sabia, sim, mas fingi não saber. No dia seguinte, esperei minha mãe sair, não queria que me visse arrumando-me toda: teria suspeitado que algo estranho estava acontecendo quando me visse bem-vestida tão cedo. Assim que ouvi a porta se fechar atrás dela, comecei a me arrumar, apressada. Enchi uma bacia para me lavar, aspergi em mim água de lavanda, passei minha única blusa de seda e tirei as meias do varal onde haviam passado a noite secando ao relento. Eram as mesmas do dia anterior: não tinha outras. Obriguei-me a me acalmar e vesti-as com cuidado, para não rasgá-las na pressa. E cada um daqueles movimentos mecânicos mil vezes repetidos no passado teve, aquele dia, pela primeira vez, um destinatário definido, um objetivo e um fim: Ramiro Arribas. Para ele me vesti e me perfumei, para que me visse, para que sentisse

meu cheiro, para que tornasse a me tocar e se perdesse em meus olhos outra vez. Para ele decidi deixar o cabelo solto, lustroso, no meio das costas. Para ele estreitei minha cintura apertando com força o cinto sobre a saia até quase não poder respirar. Para ele: tudo só para ele.

Percorri as ruas com determinação, evitando olhares ansiosos e elogios atrevidos. Obriguei-me a não pensar: evitei calcular a envergadura dos meus atos e não quis parar para pensar se aquele trajeto estava me levando para a porta do paraíso ou diretamente para o matadouro. Percorri a Costanilla de San Andrés, atravessei a praça Carros, e pela Cava Baja dirigi-me à Plaza Mayor. Em vinte minutos estava em Puerta del Sol; em menos de meia hora alcancei meu destino.

Ramiro me esperava. Tão logo percebeu minha silhueta na porta, interrompeu a conversa que mantinha com outro empregado e dirigiu-se à saída pegando o chapéu e um casaco. Quando se aproximou de mim, quis dizer-lhe que estava com o dinheiro na bolsa, que Ignacio mandava lembranças, que talvez naquela mesma tarde eu comesse a aprender a datilografar. Não me deixou. Nem sequer me cumprimentou. Apenas sorriu enquanto mantinha um cigarro na boca, tocou a base das minhas costas e disse vamos. E fui com ele.

O lugar escolhido não podia ser mais inocente: levou-me ao Café Suizo. Ao comprovar, aliviada, que o lugar era seguro, achei que talvez ainda estivesse a tempo de obter a salvação. Pensei, inclusive, enquanto ele procurava uma mesa e me convidava a sentar, que talvez esse encontro não tivesse mais segundas intenções que a simples demonstração de atenção para com uma cliente. Até comecei a suspeitar que todo aquele descarado galanteio pudesse não ter sido mais que um excesso de fantasia de minha parte. Mas não foi isso. Apesar do ambiente inofensivo, nosso segundo encontro tornou a me colocar na beira do abismo.

— Não parei de pensar em você nem um só minuto desde que foi embora ontem — sussurrou em meu ouvido assim que nos acomodamos.

Eu me senti incapaz de replicar, as palavras não chegaram a minha boca: como açúcar na água, diluíram-se em algum lugar incerto do cérebro. Pegou minha mão de novo e a acariciou como na tarde anterior, sempre observando-a.

— Tem algumas asperezas. Diga-me, o que esses dedos andaram fazendo antes de chegar a mim?

Sua voz continuava soando próxima e sensual, alheia ao barulho a nossa volta: ao entrechocar do vidro e da louça no mármore das mesas, ao zumbido das conversas matutinas e às vozes dos garçons fazendo os pedidos no balcão.

— Costurando — sussurrei, sem levantar os olhos do regaço.

— Então você é costureira.

— Era. Não mais. — Finalmente ergui o olhar. — Não há muito trabalho ultimamente — acrescentei.

— Por isso agora quer aprender a usar uma máquina de escrever.

Falava com cumplicidade, com proximidade, como se me conhecesse: como se sua alma e a minha estivessem se esperando desde o início dos tempos.

— Meu noivo achou que devia me preparar para os concursos, para ser funcionária pública como ele — disse eu com uma ponta de vergonha.

A chegada dos pedidos deteve a conversa. Para mim, uma xícara de chocolate. Para Ramiro, café-preto como a noite. Aproveitei a pausa para contemplá-lo enquanto ele trocava umas frases com o garçom. Usava um terno diferente ao do dia anterior, outra camisa impecável. Suas maneiras eram elegantes e, ao mesmo tempo, dentro daquele refinamento tão raro nos homens de meu ambiente, ele exalava masculinidade por todos os poros do corpo: ao fumar, ao ajustar o nó da gravata, ao tirar a carteira do bolso ou levar a xícara à boca.

— E por que uma mulher como você quer passar a vida em um ministério, se não for indiscrição? — perguntou após o primeiro gole de café.

Dei de ombros.

— Para que possamos viver melhor, imagino.

Tornou a se aproximar lentamente de mim, tornou a verter sua voz quente em meu ouvido.

— Quer mesmo começar a viver melhor, Sira?

Eu me refugiei em um gole de chocolate para não responder.

— Você se manchou, deixe que eu limpe — disse ele.

Aproximou, então, sua mão do meu rosto e a expandiu, aberta, sobre o contorno da mandíbula, ajustando-a a meus ossos como se fosse esse, e não outro, o molde que um dia me configurou. Depois, pôs o dedo polegar no local onde supostamente estava a mancha, próximo ao canto da boca. Acariciou-me com suavidade, sem pressa. Eu o deixei agir: uma mistura de pavor e prazer me impediu de fazer qualquer movimento.

— Também manchou aqui — murmurou com voz rouca, mudando o dedo de posição.

O destino foi a ponta do meu lábio inferior. Repetiu a carícia. Mais lenta, mais doce. Um estremecimento percorreu minhas costas, cravei os dedos no veludo da cadeira.

— E aqui também — disse novamente. Acariciou, então, minha boca inteira, milímetro a milímetro, de um canto a outro, cadenciado, devagar,

mais devagar. Quase afundei em um poço de algo mole que não soube definir. Não me importava que tudo fosse uma mentira e que em meus lábios não houvesse rastro algum de chocolate. Não me importava que na mesa vizinha três veneráveis velhinhos suspendessem a conversa para contemplar a cena ardente, desejando com fúria ter trinta anos a menos.

Um grupo barulhento de estudantes entrou em tropel no café e, com sua balbúrdia e suas gargalhadas, quebrou a magia do momento como quem estoura uma bolha de sabão. E, de repente, como se houvesse despertado de um sonho, percebi atropeladamente várias coisas ao mesmo tempo: que o chão não havia se derretido e se mantinha sólido sob meus pés; que o dedo de um desconhecido estava prestes a entrar em minha boca; que por minha coxa esquerda rastejava uma mão ansiosa; e que eu estava a um palmo de me jogar de cabeça em um despenhadeiro. A lucidez recuperada fez que eu me levantasse com um salto e, ao pegar a bolsa precipitadamente, derrubasse o copo de água que o garçom havia trazido junto com meu chocolate.

— Aqui está o dinheiro da máquina. No fim da tarde meu noivo irá pegá-la — disse, deixando o maço de notas em cima do mármore da mesa.

Ele me segurou pelo punho.

— Não vá embora, Sira; não se aborreça comigo.

Soltei-me com um puxão. Não olhei para ele nem me despedi; apenas girei e tomei, com forçada dignidade, o caminho da porta. Só então me dei conta de que havia derramado a água em mim e que meu pé esquerdo estava pingando.

Ele não me seguiu: provavelmente intuiu que de nada serviria. Apenas ficou ali sentado, e quando comecei a me afastar, lançou em minhas costas sua última flecha.

— Volte outro dia. Já sabe onde me encontrar.

Fingi não ouvir, apertei o passo por entre a barafunda de estudantes e me diluí no tumulto da rua.

Durante oito dias fui me deitar com a esperança de que o amanhecer seguinte fosse diferente e nas oito manhãs posteriores acordei com a mesma obsessão na cabeça: Ramiro Arribas. Sua lembrança me assaltava a qualquer hora do dia e nem um único minuto consegui afastá-lo do meu pensamento: ao fazer a cama, ao assoar o nariz, enquanto descascava uma laranja ou quando descia os degraus um a um com sua memória gravada na retina.

Ignacio e minha mãe, enquanto isso, corriam para lá e para cá com os planos do casamento, mas não conseguiam me fazer compartilhar seu entusiasmo. Nada me parecia agradável, nada conseguia causar-me o menor interesse. Deve ser o nervosismo, pensavam. Eu, enquanto isso, me esforçava

para tirar Ramiro da cabeça, para não recordar sua voz em meu ouvido, seu dedo acariciando minha boca, sua mão percorrendo minha coxa e aquelas últimas palavras que me cravou nos tímpanos quando lhe dei as costas no café, certa de que com minha partida poria fim àquela loucura. Volte outro dia, Sira. Volte.

Lutei com todas as minhas forças para resistir. Lutei e perdi. Nada pude fazer para impor um mínimo de racionalidade na atração incontrollável que aquele homem me havia feito sentir. Por mais que tenha buscado ao redor, não consegui encontrar recursos, forças ou apoio em que me agarrar para evitar que me arrastasse. Nem o projeto de marido com quem previa me casar em menos de um mês, nem a mãe íntegra que tanto havia se esforçado para me criar como uma mulher decente e responsável. Não me deteve nem sequer a incerteza de mal saber quem era aquele estranho e o que me reservava o destino ao lado dele.

Nove dias depois da primeira visita à casa Hispano-Olivetti, voltei. Como nas vezes anteriores, fui recebida pelo tilintar do sininho em cima da porta. Nenhum vendedor gordo foi a meu encontro, nenhum rapaz do estoque, nenhum outro empregado. Apenas Ramiro me recebeu.

Aproximei-me tentando fazer meu passo soar firme, estava com as palavras preparadas. Não as consegui dizer. Ele não me deixou. Assim que estive a seu alcance, rodeou minha nuca com a mão e plantou em minha boca um beijo tão intenso, tão carnoso e prolongado que meu corpo ficou atordoado, prestes a se derreter e se transformar em uma poça de melado.

Ramiro Arribas tinha 34 anos, um passado de idas e vindas, e uma capacidade de sedução tão poderosa que nem um muro de concreto teria podido contê-la. Atração, dúvida e angústia primeiro. Abismo e paixão depois. Eu bebia o ar que ele respirava e a seu lado caminhava a dois palmos acima dos paralelepípedos. Poderiam transbordar os rios, ruir os edifícios e apagam-se as ruas dos mapas; poderia juntar-se o céu com a terra e o universo inteiro afundar a meus pés que eu suportaria tudo se Ramiro estivesse comigo.

Ignacio e minha mãe começaram a suspeitar que algo de anormal estava acontecendo comigo, algo que ia além da simples tensão causada pela iminência do casamento. Não conseguiram, porém, descobrir as razões de minha excitação nem encontraram causa alguma que justificasse o secretismo com que eu me movia o tempo todo, minhas saídas desordenadas e o riso histérico que às vezes não conseguia controlar. Consegui manter o equilíbrio daquela vida dupla somente por alguns dias, os exatos para perceber que a balança se descompensava, que o prato de Ignacio caía e o de Ramiro subia. Em

menos de uma semana soube que devia acabar com tudo e me jogar no vazio. Havia chegado o momento de passar a foice em meu passado. De deixá-lo rente ao chão.

Ignacio chegou em casa à tarde.

— Espere por mim na praça — sussurrei, entreabrindo a porta apenas alguns centímetros.

Contara a minha mãe na hora do almoço; ele não podia mais ficar sem saber. Desci cinco minutos depois, com batom nos lábios, minha bolsa nova em uma mão e a Lettera 35 na outra. Ele me esperava no mesmo banco de sempre, naquele pedaço de pedra fria onde tantas horas havíamos passado planejando um porvir em comum que já nunca chegaria.

— Você vai embora com outro, não é? — perguntou quando me sentei a seu lado. Não olhou para mim: apenas manteve os olhos concentrados no chão, na terra empoeirada que a ponta de seu sapato remexia.

Assenti só com um gesto. Um sim categórico sem palavras.

— Quem é? — perguntou. Eu lhe disse. À nossa volta prosseguiram os ruídos de sempre: as crianças, os cães e as buzinas das bicicletas; os sinos da igreja chamando para a última missa, as rodas dos carros girando sobre os paralelepípedos, as mulas cansadas rumo ao fim do dia. Ignacio demorou a falar novamente. Tanta determinação, tanta segurança deve ter sentido em minha decisão que nem sequer deixou entrever seu desconcerto. Não dramatizou nem exigiu explicações. Não me repreendeu nem me pediu que reconsiderasse meus sentimentos. Só pronunciou mais uma frase, lentamente, como se escorresse.

— Ele nunca vai amá-la tanto quanto eu.

E depois se levantou, pegou a máquina de escrever e saiu andando com ela rumo ao vazio. Eu o vi se afastar de costas, caminhando sob a luz turva dos postes, talvez controlando a vontade de arrebentá-la no chão.

Mantive o olhar fixo nele, vi-o sair da praça até que seu corpo desapareceu na distância, até que não mais o vi na noite precoce de outono. E eu gostaria de ter ficado chorando sua ausência, lamentando aquela despedida tão breve e tão triste, culpando-me por ter acabado com nosso projeto de futuro. Mas não pude. Não derramei uma lágrima sequer nem descarreguei sobre mim a menor censura. Apenas um minuto depois de sua presença desaparecer, eu também me levantei do banco e fui embora. Para trás deixei, para sempre, meu bairro, minha gente, meu pequeno mundo. Ali ficou todo meu passado enquanto eu seguia por um novo trecho de minha vida; uma vida que eu intuía luminosa e em cujo presente imediato não concebia mais glória que a dos braços de Ramiro ao me acolher.